

“O nosso maior receio é cometer os mesmo erros dos nossos pais”

Dez adolescentes, um por dia, falam da escola, dos amigos, da relação com os pais e das coisas de que mais gostam – os videogames, o surf, a música, as festas. E também dos seus quartos. E do significado que esse local tem para eles. Claudete Cardoso fala de tudo isto no sítio onde vive com mais 40 raparigas: um lar de crianças e jovens

Adolescentes (4) Andreia Sanches

Ser adolescente é...

- Gostar de sair à noite.
- Preocuparmo-nos com a nossa aparência e com os rapazes.

São duas amigas. Decidem que se uma vai ser entrevistada para o jornal, a outra também tem de falar. Começa-se pelo tema “rapazes”, então. O que há para dizer sobre eles? Explicam, alternadamente:

– Comecei a reparar nos rapazes há pouco tempo. Tenho 16 anos. Comecei a reparar neles aos 15. Em quê? Em tudo, no corpo, na cara, na maneira de ser. Dantes, rapazes e raparigas era igual para mim. Agora não.

– As raparigas têm aquela preocupação de se arranjar de manhã e pensar se eles vão gostar ou não, se eles vão notar ou não.

Como é que se sabe quando eles reparam?

– “Ah, estás muito bonita hoje.” Quando um rapaz nos diz isso ficamos felizes.

Claudete Cardoso e Natália Pires têm 16 anos. Natália chegou à Casa da Estrela, em Lisboa, quando tinha oito anos. Claudete chegou quando tinha 14. A Casa da Estrela é um lar de infância para crianças e jovens que, na sua maioria, foram retiradas às famílias por ordem dos tribunais.

Na Casa da Estrela vivem mais 40 raparigas, como elas. É uma casa, contam, onde há discussões, horários e regras, saudades de mães e de pais ausentes, falta de privacidade, falta do carinho de um adulto, às vezes. E também alguns receios para gerir. “Acho que o nosso maior receio é cometer os mesmo erros que os nossos pais cometeram com os filhos”, diz Claudete.

O que mais é ser adolescente?
– É dizerem-nos na escola que estamos gordas e levarmos a sério mesmo que estejam a brincar. Ficamos tristes. Com qualquer coisa vamo-nos abaixo. Faz-se dieta. Eu já fiz porque

me diziam: “Estás sempre a comer, és uma gorda.” O pior é o que nos dizem as amigas. Se nos dizem que estamos gordas é horrível... porque as amigas dizem sempre a verdade. Às vezes também somos um bocadinho cruéis. Eu digo às minhas amigas: estás cheia de celulite!!!

Claudete ri-se quando confessa isto, com o riso de quem confessa uma maldade. Mas a aparência é o mais importante numa pessoa? Ela responde... francamente:

– Na nossa fase achamos que sim.

Nem Claudete nem Natália têm razões para ficar tristes se lhes disserem que estão gordas.

Continua Natália:

– A adolescência é a fase da estupidéz. Também é a fase de experimentar coisas novas.

Claudete exemplifica:

– Fumar, por exemplo. Eu não fumo. Mas muitos fumam. Fumam porque os amigos fumam. Fazes tudo para seres bem visto.

É o mesmo com as drogas.

– É sempre a coisa de experimentar. Experimentas uma vez. Dizes que não sentes nada. Experimentas outra vez, dizes que não sentes nada. E vais experimentando, experimentando. E estás lá. E porquê? Porque a outra miúda é bué fixe, está a fumar, portanto vais querer ser igual a ela, porque ela é popular e tu também queres ser. Acho que isso faz parte da adolescência... Mas a mim não me interessa nada disso da competição.

É Claudete (na fotografia) quem acaba por falar mais durante esta entrevista. Não é que seja particularmente sociável. A amiga Natália até tem mais amigos, tem um grupo lá na escola, “todos meninos da Língua”, nas palavras de Claudete, que, com isto, quer dizer que os amigos da Natália fazem parte do “grupo dos populares da escola” que nunca, ou quase nunca, “fazem nada de mal”. Natália encolge os ombros, não se importa que a amiga ache que ela é “um bocadito betinha”.

Já Claudete é mais fechada. Na es-

cola não tem “um grupo”. E por isso, diz, não faz “coisas pelos amigos”, como “outros fazem”, as tais coisas como fumar, ou beber de mais para impressionar. Passa os intervalos sozinha – “no meu canto”. Diz que é uma maneira de se defender.

– Já me dei mal. E digo para mim própria: não vou fazer amigos porque já sei que depois mudo de escola e vai custar... as amizades não ficam, acabam. Por isso, não vale a pena. Depois, eu estou no meu canto, se ninguém vai ter comigo é porque também não quer. Aqui na casa é diferente. Sei que vou estar a viver aqui muito tempo e aqui já fiz amigas. Era complicado não fazer.

Explicam as duas que custa muito quando uma amizade acaba. Porque a amizade é das coisas mais importante na vida para qualquer adolescente, mas sobretudo para as raparigas desta casa. “O mais importante no mundo devia ser a família... mas no nosso caso não é”, diz Claudete, com alguma tristeza. Natália corrige: não vive com o pai, ele está longe, ela vive na Casa da Estrela desde os oito anos, mas o mais importante no mundo é ele. “É o meu ídolo. Vem-nos de ano a ano...” Claudete não diz nada.

Já se imaginou adulta muitas vezes. Nunca conseguiu visualizar que profissão teria – é boa aluna, teve uma negativa, a Francês, que detesta, mas também teve quatro e um cinco, noutras disciplinas, e planeia ir para a universidade, só não sabe ainda “tirar o quê”. Mas quando se imagina crescida, Claudete imagina-se sempre mãe. Não sonha nem com muito dinheiro nem com roupas caras. “Imagino-me com seis filhos à minha volta, com condições para os cuidar, uma casa grande. Às vezes dizem-me que saio à minha mãe, que sou impulsiva, má. Tenho medo... tento controlar-me. Às vezes digo coisas sem pensar que estou a magoar as pessoas, é o meu maior defeito. Mas acho que já melhorei muito, porque dantes não era só falar sem pensar, também batia...” Natália olha para Claudete com um sorriso mei-



Claudete considera-se boa aluna. Se pudesse mudar alguma coisa na escola...

76,5%

dos adolescentes dizem que gostam da escola; 23,5% não gostam

56%

dizem que os professores os tratam muitas vezes “com justiça”

45,5%

dizem que os professores se interessam por eles “como pessoa”

Fonte: Health Behaviour in School-Aged Children, OMS

go. “Uma vez, ela quis pôr-me cola no cabelo”, conta Natália. Desatam a rir. Agora são amigas.

As saídas à noite

Outra coisa importante para qualquer adolescente, declaram: sair à noite. Elas têm autorização das “doutoras” da Casa da Estrela para sair à noite uma vez por semana. Vão aos bares do Bairro Alto, mas nunca a discotecas. “Ainda somos menores e pedem-nos o BI.” Vão ter de esperar pelos 17 anos, dizem. Nessa altura será mais fácil.

Seja como for, sair à noite é sempre uma animação: gostam de se vestir bem, de estar com os amigos, de beber um copo – “black caiprinha” é do que mais gostam. Não sabem explicar o que leva esse *cocktail*. Só garantem que não abusam.

Em tempo de férias não há muito mais para fazer que seja tão divertido. “Vamos à praia duas vezes por semana.” Natália passa o resto do tempo no quarto, que divide com

“Nem todos têm quem os ajude com os TPC. Cheguei a ouvir uma mãe dizer: ‘Lá em casa chora a minha filha, porque quer que eu a ajude, e choro eu, porque não consigo”

José Morgado
Psicólogo

Na escola, o melhor de tudo são os colegas?

O que dizem os estudos e os especialistas sobre temas que marcam a adolescência? Hoje fala-se da relação com a escola

A relação dos adolescentes portugueses com a escola é marcada por sentimentos contraditórios. Pelo menos, à primeira vista. Um quarto não gosta dela (mais os rapazes do que as raparigas). Tantos quantos os que gostam muito. Num ranking de 39 países e regiões, Portugal está próximo do meio da tabela no “gosto pela escola”.

Segundo a Organização Mundial de Saúde (OMS), “gostar da escola” faz bem: “É um factor protector” contra fenómenos como “o bullying, os comportamentos sexuais de risco, o consumo de tabaco, álcool e drogas”, lê-se no último relatório *Health Behaviour in School-Aged Children*, da OMS.

O *Health Behaviour...* é feito de quatro em quatro anos, envolve 39 países e regiões e muitos milhares de adolescentes dos 6.º, 8.º e 10.º anos. Para a última edição, foram inquiridos cinco mil em 2010, só em Portugal.

Cinco em cada dez sentem-se pressionados (sentem “alguma” ou “muita” pressão) com os trabalhos que têm de levar para casa. Os portugueses distinguem-se neste ponto. Só na Turquia, os níveis de “pressão” provocados pelos TPC são maiores no grupo dos jovens com 15 anos.

Quando lhes é perguntado que imagem acham que os professores têm deles, o resultado é este: os alunos portugueses de 15 anos são dos que menos acham que os professores têm uma opinião “muito boa” ou sequer “boa” do seu desempenho. Em países como a Croácia ou a Inglaterra, rondam os 70%, em Portugal são menos de metade.

Ainda assim, a maioria dos portugueses acha que os professores tratam os alunos com justiça e que podem contar com eles se precisarem de ajuda. Cerca de metade confirmam que existe na sua escola um gabinete onde podem falar com

um profissional de saúde ou com um professor caso tenham algum problema. E mais de 70% esperam prosseguir estudos depois do secundário.

Quanto à relação com os colegas... ela é bastante boa: oito em cada dez inquiridos dizem que têm colegas simpáticos, tolerantes e que gostam de estar uns com os outros. Há poucos países onde os adolescentes se sintam tão satisfeitos com os colegas que têm.

“A experiência escolar ocorre durante um período crucial da vida dos jovens, influencia o desenvolvimento da sua auto-estima e dos seus comportamentos de saúde, com consequências na sua saúde futura e satisfação com a vida”, diz a OMS. Mais: uma experiência escolar negativa “pode constituir um factor de risco, afectar a saúde mental e física dos alunos”.

Como ler os dados recolhidos entre os alunos portugueses? José Morgado, professor do Instituto Superior de Psicologia Aplicada (ISPA), começa por explicar que o stress que os TPC suscitam entre portugueses não surge por acaso — “Ainda temos uma forte cultura pedagógica ligada aos TPC” e os pais continuam a achar que se os filhos não trazem trabalho algo não está bem “e vão pedir satisfações” à escola. O tema é actual: recentemente, o Presidente francês, François Hollande, disse que pretendia acabar com os trabalhos para casa (em rigor, a proibição estava na lei desde os anos 1950, mas nunca foi aplicada). José Morgado não é “tão fundamentalista” que defenda, como Hollande, uma proibição. Mas lembra que muitos TPC podem ser um factor que acentua a desigualdade entre os alunos (“nem todos têm em casa quem os ajude, nem todos podem pagar explicadores e cheguei a ouvir uma mãe dizer:

‘Lá em casa chora a minha filha, porque quer que eu a ajude, e choro eu, porque não consigo ajudar.’”).

Para além disso, os TPC podem de facto ser uma sobrecarga se se limitam a ser mais uma tarefa escolar: “Temos um número de horas lectivas semelhante à média da OCDE, 25 horas semanais. Mas os alunos podem passar na escola até 11 horas por dia, uma barbaridade. Podem chegar às 8h00 e sair às 19h00, que é quando os pais os podem ir buscar. Noutros países flexibilizaram-se os horários de trabalho dos pais.”

Morgado diz que os TPC deveriam constituir não um acréscimo às tarefas escolares mas outro tipo de tarefas — “Em vez de ‘trabalhos para casa’, ‘trabalhos em casa’, tarefas que os alunos consigam fazer sozinhos.”

Outro aspecto que lhe chama a atenção nos dados da OMS é a questão da imagem que muitos alunos têm do seu desempenho e da imagem que acham que os professores têm deles. Não havendo informação pormenorizada sobre o perfil dos alunos que pior imagem têm de si, vai dizendo que é importante que todos, alunos e professores, tenham noção de que errar faz parte do processo de aprendizagem. Dá um exemplo: se uma empresa recebe um estagiário e lhe diz dez vezes seguidas que o seu trabalho é mau, ele vai achar que não é capaz. E se calhar desiste. Nos adolescentes, a probabilidade de se fixarem no “não consigo” é ainda maior. Até porque é conhecido como desenvolvem estratégias de “compensação” — por exemplo, “um miúdo disciplinado pode ter um baixo autoconceito académico mas uma grande auto-estima, porque percebe que é muito bom a ser indisciplinado”, o que também lhe granjeia admiração entre os pares. **A.S.**

DANIEL BOCHA



Ja, só mudava a duração das aulas (deviam ser mais curtas, diz)

três raparigas. Claudete passa mais tempo nos espaços comuns da casa — deixa o quarto, onde afixou alguns desenhos seus, feitos com lápis de cor, para dormir.

Por estes dias, anda a ler a Bíblia. Não é que se considere católica — apesar de já ter colaborado com uma paróquia —, mas acha que é interessante saber o que lá está escrito. Explica: “Não sei se acredito em Deus. Fazer o mundo em sete dias, não sei... Acho que a ciência explica melhor como surgiu o mundo... Rezo quando vou à missa. Rezar é uma coisa que nos faz sentir melhor, e estamos mal. Mas a verdade é que nunca me aconteceu nada de extraordinário para pensar que Deus existe mesmo. Já lhe fiz muitos pedidos e não foram concretizados.”

A escola

Felizmente, no resto do ano, há a escola. “Era uma seca se não existisse escola”, diz Claudete. Não é que seja tudo perfeito lá (“Há professores que

ensinam bem, outros que ensinam mal e outros que odiamos. Há professores bué rígidos. Não faz mal ser rígido, se explica bem. Mas se estão sempre com a cara trancada, se explicam mal, isso é mau.”) Ainda assim, se pudesse mudar alguma coisa na escola, Claudete só mudava uma: reduzia a duração das aulas. “As aulas têm 90 minutos. Quando falta meia hora já não temos paciência.”

No final da entrevista, Natália e Claudete levam-nos aos seus quartos. Não são muito diferentes. Quatro camas. Bonecas de pano em cima da colcha. Quadros coloridos. Recortes de cantores e de atrizes nas paredes. Cortinas coloridas a esvoaçar nas janelas. Como qualquer rapariga de 16 anos da casa, esperam pelos 17 ansiosamente. Não, não é só porque com essa idade já conseguirão entrar nas discotecas. É porque as regras aqui dizem que a partir dessa altura já podem ambicionar ter um quarto individual.

Anseiam pela hora de ter “mais privacidade”.